

ESTRUTURAÇÃO E INDETERMINAÇÃO: AS DIMENSÕES MÍTICAS E FICCIONAIS NAS NARRATIVAS DE GUIMARÃES ROSA

MARCIO GREGÓRIO SÁ SILVA

Mestrando em Literatura Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: marcio_gregorio@hotmail.com

Resumo

Este artigo examina nos contos “A hora e vez de Augusto Matraga” (1946) e “Os irmãos Dagobé” (1962), de João Guimarães Rosa, as dimensões míticas e ficcionais presentes nas configurações das narrativas e dos personagens. Seguindo as pistas teóricas oriundas de estudos da fortuna crítica da obra rosiana, como Galvão (1978) e Hansen (2007), este estudo tem como hipótese as relações entre os personagens Nhô Augusto e Liojorge com estruturas arquetípicas ligadas às histórias de Jô, Abraão e do guerreiro São Jorge. Tendo por base teórica o texto *The sense of an ending* de Frank Kermode (2000), pretende-se, ao mesmo tempo, refletir, além desse aspecto estruturante, em que medida haveria uma autonomia na constituição dessas unidades literárias, ao elucidar o caráter indeterminado e aberto ligado a tais práticas de escrita literária.

Palavras-chave

Literatura brasileira. Guimarães Rosa. Narrativa.

As narrativas que compõem o *corpus* em questão são os contos “A hora e vez de Augusto Matraga”, publicado em 1946 no livro *Sagarana*, e “Os irmãos Dagobé”, que compõe o livro *Primeiras histórias*, lançado no ano de 1962. Outras obras que serão mobilizadas, à guisa de comparação, são a coletânea hagiográfica denominada *Legenda áurea: vidas de santos*, do Arcebispo de Gênova Jacopo de Varazze (2003), “Livro de Jó” presente na Bíblia (2010), e *Temor e tremor*, obra do pensador dinamarquês Søren A. Kierkegaard (1979), que trata do dilema sacrificial de Abraão.

O conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, o último que compõe a obra *Sagarana*, foi publicado em definitivo em 1946 pelo médico, escritor e diplomata João Guimarães Rosa. Recorrente em antologias literárias e adaptado duas vezes para o cinema, trata-se de um texto denso e plural, composto por complexos aspectos, imagens e marcas literárias. Não à toa ele ser considerado, segundo Antonio Candido (1994), um dos dez ou 12 textos mais perfeitos em língua portuguesa. Nele, narra-se a história do protagonista Nhô Augusto Esteves, um desregrado patriarca que, após perder o que possuía de mais substancial – esposa, filha, fazendas, empregados, além da integridade moral e física – alcança ao fim de sua vida uma resolução surpreendente para si e os demais personagens, convertendo-se, em Augusto Matraga. Trata-se de uma narrativa vigorosa, marcada por profundas mudanças nos rumos da narração e no destino do protagonista, dentre elas, padecimento, tentativa de retorno para casa, viagem e, enfim, um duelo de armas com um bando guerrilheiro.

A proposta de leitura segundo uma estruturação mítica ligada às narrativas de vidas de santos depreende, por pelo menos duas vezes, no próprio conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, quando o narrador aproxima seu protagonista de uma figura santa, segundo ilustram os trechos a seguir: “E assim se deu que, lá no povoado do Tombador”, diz o narrador, “apareceu, um dia, um homem esquisito, que ninguém não podia entender. Mas todos gostaram logo dele, porque era meio doido e meio santo, e compreender deixaram para depois” (ROSA, 1984, p. 295).

Após a batalha final entre Matraga e Joãozinho Bem-Bem, que salvou uma família da retaliação do grupo guerrilheiro, o personagem João Lomba, “conhecido e meio parente de Nhô Augusto”, assim diz sobre ele: “Traz meus filhos, para agradecerem a ele, para beijarem os pés dele!... Não deixem este santo morrer assim” (ROSA, 1984, p. 318). Temos, assim, exemplificações de como o texto rosiano sugere certos caminhos de análise que nos incitaram a

lê-lo enquanto uma poética mítica e comum, em nossa hipótese, às histórias de Jó, Abrão e do guerreiro São Jorge.

Aliás, valeria a pena pontuar que esse viés mais estruturalista de interpretação com o qual se busca aproximar a poética rosiana de marcas, noções e estruturas míticas ligadas às narrativas de vidas de santos, está presente em alguns dos principais estudos sobre esse conto, como os de Willi Bolle (1973), Walnice N. Galvão (1978), Alfredo Bosi (2003) e, de certo modo, o de João Adolfo Hansen (2007), os quais mantemos em nosso horizonte teórico de análise. Ao servir como pistas teóricas para os nossos objetivos analíticos, estudos como “Matraga: sua marca” de Galvão (1978) e “Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens em Guimarães Rosa” de Hansen (2007), embora coincidam nas analogias entre Augusto Matraga e os personagens e narrativas míticas de São Francisco de Assis e São Jorge, diferem, entretanto, no que consiste à caracterização narrativa e à constituição da personagem. Convergindo em partes com cada um deles, postulamos, por um lado, haver uma circularidade mítica e determinada, e, por outro, uma indeterminação mais aberta e funcional na obra rosiana.

Neste artigo, buscamos evidenciar a estruturação mítica e, ao mesmo tempo, elucidar o caráter indeterminado e ficcional nas narrativas eleitas. No texto *The sense of an ending: studies in the theory of fiction with a new epilogue*, Frank Kermode (2000) postula haver dois tipos de configuração literária entendidas como mito e ficção. Publicado em meados de 1960, trata-se de um estudo teórico que lança mão de algumas noções de mito e ficção a que nos reportaremos adiante, visando pontuar de qual dessas dimensões as narrativas em estudo mais se aproximariam. Ao tratar dessas noções, o crítico britânico fala em termos de estabilidade e mudança e dos caracteres absoluto e condicional:

We have to distinguish between myths and fictions”, ele diz, “[m]yth operates within the diagrams of ritual [...] Myths are the agents of stability, fictions the agents of change. Myths call for absolute, fictions for conditional assent¹ (KERMODE, 2000, p. 39).

Tendo essas noções por base teórica, nosso percurso analítico permite delimitar o alcance de uma leitura estruturalista e pontuar em que medida haveria uma autonomia da palavra e de seu sentido, noutros termos, a indeter-

1 “Nós temos que distinguir entre mito e ficção: o mito opera com os diagramas de um ritual [...] Mitos são agentes em função da estabilidade, ficções são agentes em função da mudança. Mitos apelam ao absoluto, as ficções para um acordo condicional” (tradução nossa).

minação do ato narrativo e da experiência dos personagens literários inscritos nessas obras de Guimarães Rosa.

Tratando, então, da primeira narrativa segundo a noção de mito, o autoexílio do protagonista Nhô Augusto Esteves chama a atenção para a aproximação com a trajetória do personagem Abraão, conhecido como o cavaleiro da fé no mito cristão. Como se sabe, Nhô Augusto decide, a partir do conselho religioso de um padre, se ausentar para bem longe, realizando uma espécie de ascese combinada com a autopenitência na solidão e no silêncio, recusando as paixões ligadas às festas, músicas e mulheres, além da prestação indiscriminada de serviços aos habitantes do povoado longínquo denominado Tombador.

Num trecho do texto, após alguns reveses existenciais, Nhô Augusto abandona num ato de fé sua terra natal e, em nome de sua “hora e vez”, parte para o Tombador, onde vive por cerca de sete anos: “Largaram à noite”, diz o narrador, “porque o começo da viagem teria de ser uma verdadeira escapada” (ROSA, 1984, p. 294-295). Essas ações do protagonista são sugestivas à aproximação com o personagem Abraão, a partir do que diz Kierkegaard (1979, p. 118) em sua obra *Temor e tremor*: “Pela fé, Abraão abandonou a terra de seus maiores e foi estrangeiro na terra prometida. Abandonou uma coisa, a sua razão terrestre, por outra, a fé; se refletisse no absurdo da viagem, nunca teria partido”. Focalizando melhor a trajetória do protagonista durante a narrativa, é possível ainda notar outras semelhanças com Abraão além da decisão pelo autoexílio, como suas escolhas pela solidão e pelo silêncio.

Nhô Augusto Esteves inicia um processo de autoinvestigação realizado pela via da solidão e do silêncio, uma vez que nesse desterro ele se recusa a “contar a sua desgraça”, a “repassar as misérias de sua vida”, abrindo mão da busca pelo consenso com os outros, pois “não falava junto em discussão” e “só pedia serviço para fazer, e pouca ou nenhuma conversa” (ROSA, 1984, p. 293-296). Tais escolhas do protagonista pela solidão e pelo silêncio, bem como o seu apartamento das discussões coletivas, se aproxima, portanto, da postura de Abraão, conforme afirma Kierkegaard (1979, p. 145):

Abraão cala-se [...] porque não *pode* falar; nesta impossibilidade residem a tribulação e a angústia. Porque, se não me posso fazer compreender, não falo [...] a angústia do paradoxo reside, já se mostrou, no silêncio. [...] Tal é o caso de Abraão.

Conforme postula o pensador dinamarquês, o dilema de Abraão conjuga a angústia num nível absoluto que o coloca em solidão e silêncio em seu cami-

nho de provação da fé, trajetória narrativa que o personagem Nhô Augusto Esteves atravessará passando por todos esses elementos, isto é, fé, autoexílio, solidão e silêncio em seu processo de autoinvestigação.

Vale a pena destacar que, num estudo mais recente intitulado “A hora e vez de Augusto Matraga ou *de como alguém se torna aquilo que é*”, presente na coletânea *As cores de rosa: ensaios sobre Guimarães Rosa*, de Adélia Bezerra de Meneses (2010), sugere-se, além da ideia de processo de transformação existencial ligado às noções de *purgatio*, *solutio* e *putrefatio* relativas à Alquimia, uma breve relação entre personagens rosianos e Abraão, hipótese essa desenvolvida quando a autora destaca a importância do movimento, êxodo e travessia na obra rosiana, segundo ilustra o trecho a seguir:

E sabemos o quanto, em *Grande sertão: Veredas*, a vida é travessia [...] movimento de marcha, mística do Êxodo: esse impulso de se arrancar de uma situação insatisfatória, embora cômoda e sem riscos, e deixar-se seduzir pelo apelo do longe [...] de Abraão a Odisseu, a mística da caminhada em busca do próprio destino marca singularmente a aventura da existência (MENESES, 2010, p. 113).

Quanto à aproximação com a narrativa do *Livro de Jó*, nesse episódio bíblico há também claras marcas textuais, discursivas e de dilemas próximos àqueles presentes na trajetória do protagonista da narrativa rosiana, e que podem ser lidas enquanto fontes literárias do texto de Guimarães. Destacamos, para esses fins, três passagens do conto com as quais se torna evidente a relação entre as estruturas míticas, como as de Jó, nesse caso, e a narrativa de Nhô Augusto. À guisa de comentário, no livro bíblico, Jó, como se sabe, é posto à prova por Deus a partir da provocação do diabo de que ele não lhe era tão digno assim, o que faz, então, suas forças serem testadas por meio de tentações que ele passa em peregrinação, algo muito similar ao que lemos numa passagem do conto em que o narrador trata de um sonho do protagonista com um Deus que “o mandava ir brigar, só para lhe experimentar a força, pois que ficava lá em-cima, sem descuido, garantindo tudo” (ROSA, 1984, p. 307). Outro dilema em comum entre Jó e Nhô Augusto refere-se à sofrida espera por “sua hora e vez”, conforme aludem o título e sua fala amiúde feita por este, que encontra similaridade com a fala do *Livro de Jó*: “Apenas me deito, digo: ‘Quando chegará o dia?’. Logo que me levanto: ‘Quando chegará a noite?’ E até a noite me farto de angústias” (BÍBLIA, 2010, p. 618).

Essa espera angustiada pela chegada do momento oportuno e, sobretudo, pelo fim de sua provação de fé, sugere a aproximação entre os personagens Jó e Nhô Augusto, sem deixar de mencionar ainda a solidão, a incompreensão e a recusa aos amigos à sua volta, dilemas estes que reafirmam as similaridades entre os personagens e as narrativas. De modo mais evidente, um trecho final extraído do *Livro de Jó* melhor confirma a relação do texto rosiano com as fontes textuais de narrativas bíblicas e vidas de santos, segundo ilustra o excerto adiante: “O Senhor abençoou os últimos tempos de Jó mais do que os primeiros. [...] Depois disso, Jó viveu ainda cento e quarenta anos e conheceu até a quarta geração dos filhos de seus filhos. Depois, velho e cheio de dias, morreu” (BÍBLIA, 2010, p. 657).

Após o conflito final das mortes de Joãozinho Bem-bem e seus guerrilheiros, Nhô Augusto Esteves diz ao “João Lomba, conhecido velho e meio parente” essas últimas frases do conto: “Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionóra... Fala com a Dionóra que está tudo em ordem!”, diz o protagonista no instante final de vida. “Depois, morreu” (ROSA, 1984, p. 337), conclui-se a narrativa com frases e palavras similares às do texto bíblico, o que, portanto, evidencia as relações com essas estruturas míticas advindas dessas histórias bíblicas.

Passando ao conto “Os irmãos Dagobé”, em que se narra, por meio de tom indagativo, o velório do déspota Dagobé e a ânsia de saber se seus irmãos o vingarão matando Liojorge, há certas relações textuais segundo a ideia de estrutura comum entre Liojorge e o guerreiro mítico São Jorge. A obra *Legenda áurea: vidas de santos* (DE VARAZZE, 2003) nos ajuda a aproximar as semelhanças entre seus nomes e os de seus opositores (Dagobé e o Dragão); nela, diz-se assim sobre o nome do guerreiro: “Jorge [Georgius] vem de *geos*, que quer dizer ‘terra’, e de *orge*, ‘cultivar’, de forma que o nome significa ‘cultivando a terra’, isto é, sua carne” e conclui: “o beato Jorge [...] foi como a terra plana pela humildade que produz frutos de boas obras [...] miúdo por sua humildade” (DE VARAZZE, 2003, p. 365). Tratando brevemente da história de São Jorge, o autor nos diz:

Jorge, tribuno nascido na Capadócia, foi certa vez a Silena, cidade da província da Líbia. Ali perto havia um lago, grande como um mar, no qual se escondia um pestífero e enorme dragão que muitas vezes afugentou o povo armado que tentará atacá-lo (DE VARAZZE, 2003, p. 366).

A luta de São Jorge contra esse dragão monstruoso justifica ainda o sentido de seu nome que, segundo o autor, deriva “de *gerar*, ‘sagrado’, e *gyon*, ‘luta’, significando ‘lutador sagrado’ porque lutou contra o dragão e contra o carrasco” (DE VARAZZE, 2003, p. 365).

Publicado em 1962 no livro *Primeiras histórias*, o conto “Os irmãos Dago-bé” traz a figuração do personagem Liojorge nesses termos: “[...] o rapaz Liojorge, *ousado* lavrador”, diz o narrador, “afiançava que não tinha querido matar irmão de cidadão cristão nenhum”. A seguir, ele completa: “E que, por *coragem* de prova, estava disposto a se apresentar, desarmado, ali perante, dar fé de vir, pessoalmente, para declarar sua forte falta de culpa, caso tivessem lealdade” (ROSA, 1974, p. 47-48, grifo nosso); noutra parte, afirma ainda o narrador: “Tinha-se de arregalar em par os olhos. Alto, o moço Liojorge, varrido de todo o atinar. Não era animosamente, nem sendo por afrontar. Seria assim de alma entregue, uma humildade mortal” (ROSA, 1974, p. 49). Conforme se nota por meio dos aspectos arquetípicos, os personagens São Jorge e Liojorge são descritos como figuras pobres, corajosas e guerreiras, dotadas de muita humildade em suas trajetórias, havendo, portanto, uma relação comum de ambos com os caracteres ligados à pobreza, coragem e a força bélica, bem como ainda por meio de qualidades ligadas à audácia, ousadia ou mesmo à doidice. Esses trechos expostos indicam, portanto, a força que a tradição e o arquétipo mítico ligados às histórias de Jó, Abraão e São Jorge teriam na estruturação narrativa e conformação do personagem rosiano desses dois contos selecionados.

Sem embargo, teríamos de averiguar, noutra chave de leitura, em que medida haveria aspectos nessas narrativas que as ligam a uma dimensão aberta, indeterminada e autônoma, em oposição a essa ideia de uma verdade universal e arquetípica viabilizada pela noção de mito que precederia tanto o movimento narrativo como a experiência e as eventuais transformações do personagem. Essa perspectiva teórica, por sua vez, poderia nos movimentar em direção à noção de ficção.

Ora, tanto em “A hora e vez de Augusto Matraga” como em “Os irmãos Dagobé”, o tempo verbal no qual se narra essas histórias está no presente, expressando, assim, que há uma “situação narrativa” na qual tanto os acontecimentos como os atos dos personagens só avançam na medida em que se narra. Na primeira delas, ao iniciar o conto dizendo que “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Esteves. Augusto Esteves...” (ROSA, 1984, p. 281), se dá a

entender que ele é (ou será) como a narrativa disser que ele seja, ou seja, que a narrativa é uma prática que instaura o lugar e o acesso a um acontecimento excepcional. A noção de prática autônoma da narrativa presente na obra *O livro por vir*, de Maurice Blanchot (2013, p. 8), embasaria esta questão: segundo o escritor francês no capítulo intitulado “A lei secreta da narrativa”, “[a] narrativa não é o relato do acontecimento, mas o próprio acontecimento, o acesso a esse acontecimento, o lugar aonde ele é chamado para acontecer, acontecimento ainda por vir”. Veremos alguns outros exemplos, a seguir.

Blanchot (2013) toma a narrativa como “movimento em direção a um ponto” que, em sua prática, “só ‘narra’ a si-mesma”, o que a faz uma espécie de livre movimento no qual nenhuma realidade a antecederia, sendo ela a própria constituição de realidades. Noutra passagem do conto, o narrador faz um comentário em que se revela, além dessa prática autônoma de escrita que funda a própria narrativa segundo Blanchot, seu caráter ficcional e inventivo: “E assim se passaram pelo menos seis ou seis anos e meio, direitinho desse jeito, sem tirar e nem por, sem mentira nenhuma”, diz o narrador, “porque esta aqui é uma história inventada, e não é um caso acontecido, não senhor” (ROSA, 1984, p. 296). Opondo invenção à realidade e distinguindo a ficção do real, essas inventivas práticas de escrita do escritor mineiro funcionam, portanto, como produtoras de realidades.

Kermode (2000, p. 6) postula sobre esse caráter aberto, movente, indeterminado e autônomo conquistado pela ficção em detrimento de paradigmas clássicos: “*In their general character, our fictions have certainly moved away from the simplicity of the paradigm; they have become more ‘open’*”². Na narrativa “Os irmãos Dagobé”, o narrador surpreende, ao fim do conto, os personagens e o leitor com a recusa dos irmãos em obrar a vingança, conforme vemos no trecho a seguir: “Levou a mão ao cinturão? Não. A gente, era que assim previa, a falsa noção do gesto. Só disse, subitamente ouviu-se: – Moço, o senhor vá, se recolha. Sucede que o meu saudoso irmão é que era um diabo de danado” (ROSA, 1974, p. 50).

Trata-se, portanto, de uma narrativa atravessada por uma linguagem especulativa que não revela uma certeza comum, determinada e compartilhada sobre aquilo que se narra, mas sim uma abertura, indeterminação e autonomia dos rumos e sentidos da narrativa e da trajetória do personagem rosiano.

2 “Em seus aspectos gerais, nossas ficções, certamente, têm se distanciado da simplicidade do paradigma; elas tornaram-se mais abertas” (tradução nossa).

Esses procedimentos de escrita presentes nos contos do escritor Guimarães Rosa, ao mesmo tempo em que se estruturam segundo um modelo comum e mítico ligado às narrativas de vidas de santos, colocam em funcionamento uma prática ficcional de composição narrativa que inventa a si mesma a partir de sua própria escrita, isto é, em termos gerais, uma noção de obra literária que, através de modos mais livres e abertos, produziria, portanto, a indeterminação narrativa e do personagem rosiano.

Structuring and indetermination: the mythical and fictional dimensions in the narratives of Guimarães Rosa

Abstract

This article examines the works “A hora e vez de Augusto Matraga” (“The hour and time of Augusto Matraga”) (1946) and “Os irmãos Dagobé” (“The Brothers Dagobé”) (1962), by João Guimarães Rosa, in regard to their mythical and fictional aspects. According to critical studies about Rosa’s works as Galvão (1978) and Hansen (2007), this paper studies the hypothesis of relation between the characters Nhô Augusto and Liojorge with some archetypal structures associated with stories of Jó, Abraão and warrior São Jorge. Thus, having for support the text *The sense of the ending* by Frank Kermode (2000), this study aims at the same time reflect to what extend there will be the autonomy of narrative and character on literary works, in order to clarify the open and indeterminate aspects related to these practices of writing.

Keywords

Brazilian literature. Guimarães Rosa. Narrative.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. *Livro de Jó*. São Paulo: Ave Maria, 2010.

BLANCHOT, M. *O livro por vir*. Tradução Leyla Perrone-Moisés. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BOLLE, W. *Fórmula e fábula: teste de uma gramática narrativa aplicada aos contos de Guimarães Rosa*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BOSI, A. *Céu, inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

CANDIDO, A. Sagarana. In: ROSA, J. G. *Ficção completa, em II volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 63-67.

GALVÃO, W. M. Matraga: sua marca. In: GALVÃO, W. N. *Mitológica rosiana*. São Paulo: Ática, 1978. p. 41-74.

HANSEN, J. A. Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens em Guimarães Rosa. In: SECCHIN, A. C. et al. (Org.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007. p. 29-49.

KERMODE, F. *The sense of an ending*: studies in the theory of fiction with a new epilogue. New York: Oxford University Press, 2000.

KIERKEGAARD, S. A. *Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano*. Tradução Carlos Grifo, Maria José Marinho e Adolfo Casais Monteiro. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 107-185.

MENESES, A. B. A hora e vez de Augusto Matraga ou *de como alguém se torna aquilo que é*. In: MENESES, A. B. *As cores de Rosa: ensaios sobre Guimarães Rosa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010. p. 75-117.

ROSA, J. G. Os irmãos Dagobé. In: ROSA, J. G. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: Coedição da Livraria José Olimpo, Editoras Civilização Brasileira e Três, 1974. p. 45-50.

ROSA, J. G. A hora e vez de Augusto Matraga. In: ROSA, J. G. *Sagarana*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984. p. 279-319.

VARAZZE, J. Arcebispo de Gênova, ca. 1229-1298. *Legenda áurea*: vidas de santos/Jacopo de Varazze. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Junior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Recebido em setembro de 2016.

Aprovado em outubro de 2016.